

REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA DE DISCIPLINAS TECNOLÓGICAS EM CURSOS DE GRADUAÇÃO E DE PÓS- GRADUAÇÃO

Thayse Balarotti Pedrazzi¹; Andrea Fregolente Lazaretti²; Tiago Novaes Mathias³

¹ Universidade Presbiteriana Mackenzie, Faculdade de Tecnologia – FATEC-SP

Rua da Consolação, 930
01302-907 - São Paulo - SP
thayse@mackenzie.com.br

² Faculdades Oswaldo Cruz
Rua Brigadeiro Galvão, 540
01151-000 - São Paulo - SP
andreafl@gmail.com

³ Universidade Presbiteriana Mackenzie

Rua da Consolação, 930
01302-907 - São Paulo - SP
novaes06@gmail.com

Resumo: *A crise educacional atual, fruto de políticas surgentes na década de 80, resulta a cada ano e mudança de governo, em impactos negativos gerando déficits educacionais que se ampliam com a continuidade dos estudos. As dificuldades de um ensino fundamental e médio são amplificadas na graduação com a necessidade de retorno em temas que deveriam ser pré-requisitos, causando desigualdade entre turmas e universidades. Isso pode ser de certa forma remediados em uma pós-graduação, porém cursos de especialização podem não ter os resultados esperados caso a heterogeneidade entre os alunos seja grande o suficiente. Saber trabalhar a pedagogia na graduação e utilizara de andragogia na pós-graduação são fatores que auxiliam nesta recuperação.*

Palavras-chave: *graduação, pós-graduação, especialização, dificuldades.*

1. INTRODUÇÃO

No final dos anos 90, a criação de novas universidades e faculdades em todo o país, motivadas, em sua maioria, a atender às necessidades específicas do mercado, e a democratização do acesso para alunos da rede pública (com "subcotas" para negros e indígenas) à educação superior trouxeram vantagens sociais importantes; mas que devem ser em médio prazo reavaliadas visando, além de parâmetros raciais para estas cotas, passar a utilizar indicadores sócio-econômicos que atendam a uma parcela expressiva da população.

Porém, o desprendimento do governo com a educação básica e com a política pública de acesso à educação superior geram problemas de acesso às séries seguintes da escola, bem como para o ensino médio e superior, onde os ingressantes muitas vezes não possuem os requisitos necessários para atender às exigências desta nova etapa em suas vidas e, por consequência, aumentam os índices de evasão, desistência e repetência.

Este “sucateamento” ocorre através do oferecimento de benefícios às instituições e não direitos aos bolsistas, e a qualidade questionável dos cursos superiores ofertados em algumas instituições colaboram para o estado negativo em que se encontra o ensino de forma geral.

Estudos e a prática docente mostram que em relação ao baixo rendimento acadêmico dos alunos estão relacionados aos seguintes fatores: dificuldades pessoais, deficiências de linguagem, de leitura e escrita e de habilidades lógicas; deficiências que são observadas na graduação e que se tornam críticas durante o curso de pós-graduação, onde o aluno deve estudar textos nacionais e internacionais e produzir hipóteses de pesquisa, em forma de dissertação e tese, a serem submetidas à aprovação.

Estes fatores são agravados junto aos alunos de período noturno, onde pode ser incluída a falta de tempo para os estudos; além do cansaço, atrasos e maiores possibilidades de faltas. (Carelli & Santos, 1998; Sampaio & Santos, 2002; Fleury & Mattos, 1991).

Cada ano o corpo discente possui menor nível de conhecimento geral, no caso do aluno de graduação, e específico para o caso do aluno de curso de pós-graduação; demandando maior atenção e esforço na relação com o docente. Até mesmo, a incorporação de disciplinas ou atividades específicas aos currículos dos cursos destinadas a oferecer aos alunos a oportunidade de superarem deficiências da escolarização anterior e proporcionar raciocínio lógico.

Este artigo tem o objetivo de apresentar uma reflexão sobre a docência em cursos de graduação e de pós-graduação.

2. DOCÊNCIA EM CURSOS DE GRADUAÇÃO

2.1 Evoluções no ensino superior brasileiro de 1980 a 2006

Na década de 80 o número de aprovados nos processos seletivos universitários era inferior aos dados atuais. Com o objetivo de atender às novas tendências do mercado foram geradas médias públicas (ProUni) facilitando o ingresso de mais estudantes ao ensino superior, bem como a criação dos cursos superiores de curta duração (02 anos), que gerou um acréscimo do número de instituições particulares de terceiro grau.

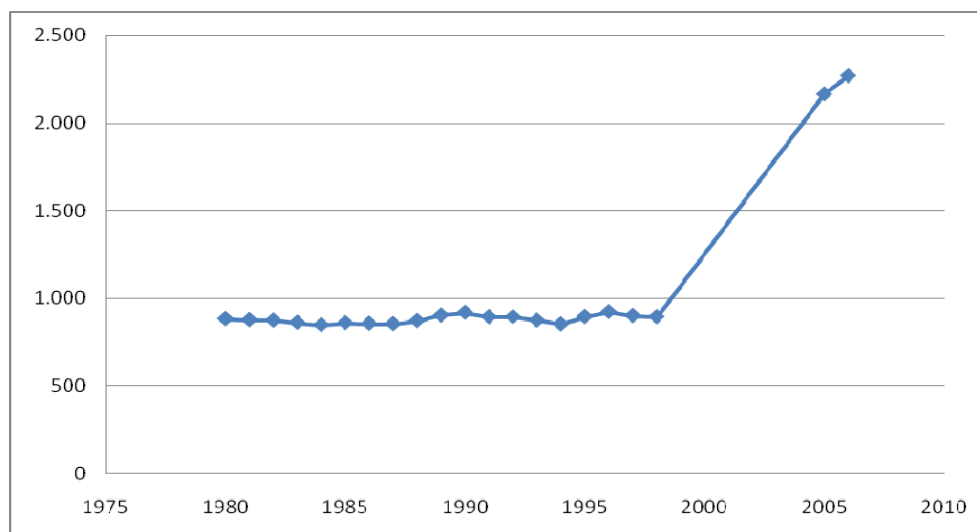
Segundo dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP, 2008), mostrados nos gráficos 1 e 2 a seguir, observa-se que houve um aumento mais significativo do número de universidades no início do século XXI (cerca de 165% relacionado com 1980). Nesta mesma época também se pode observar o crescente número de inscrições, porém a quantidade de ingressantes ainda não preenche o total de vagas ofertadas pelas instituições de ensino superior.

Provavelmente isto ocorre porque, apesar do grande interesse das pessoas em cursar uma graduação de modo a aumentar suas perspectivas profissionais, com aumento de aproximadamente 161% de inscrições com relação aos meados dos anos 80, a falta de disponibilidade de tempo e, principalmente, de recursos financeiros impedem que elas cheguem a efetivar sua entrada. E, ainda o número de concluintes está aquém do número total dos que conseguem ingressar.

Apesar disso, o aumento do número de docentes está muito abaixo do total de ingressantes, ou seja, não se faz uma proporção adequada entre estes dois indicadores. Na prática têm-se salas de aula com elevado número de alunos impedindo que o professor possa atender aos diferentes níveis de conhecimento e habilidades existentes entre esses alunos.

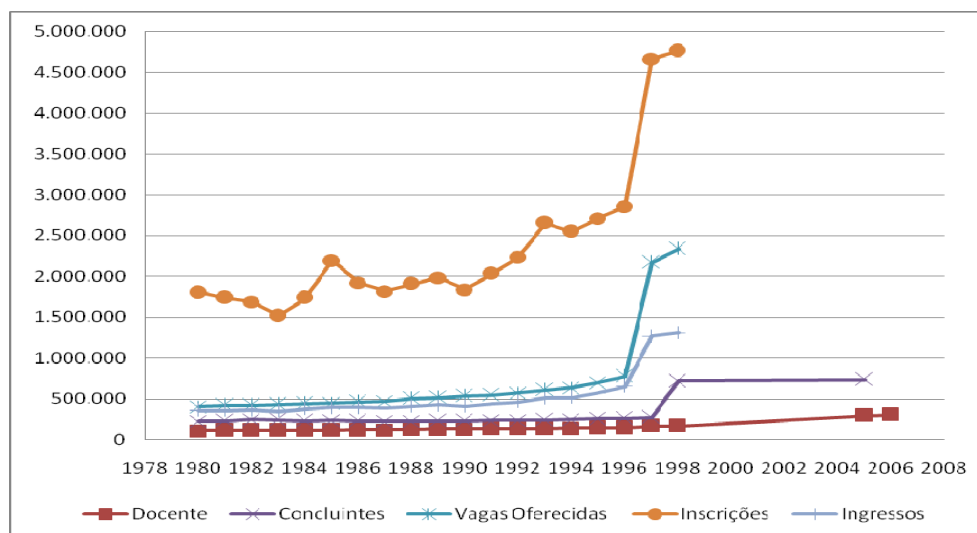
Desta forma isso resulta em baixa qualidade em disciplinas básicas nos cursos de graduação, repercutindo nos índices de desistência e reprovação durante o curso, e conseqüentemente, no baixo número de concluintes com relação aos ingressantes.

Gráfico 1: Evolução do Número de Instituições do Ensino Superior - Brasil 1980 – 2006



Fonte: Adaptado de MEC/INEP/Deaes.

Gráfico 2: Evolução das Estatísticas do Ensino Superior - Brasil 1980 – 2006



Fonte: Adaptado de MEC/INEP/Deaes.

2.2 Reflexões sobre a docência em cursos de graduação

Os cursos de graduação, em geral, têm como objetivo a formação e fixação de novos conhecimentos nos alunos que optaram por uma carreira a seguir. O currículo integra um elenco obrigatório de disciplinas que se destinam a várias especialidades, porém abordando o conteúdo genericamente, uma vez que nesta etapa o objetivo é discorrer sobre todos os ramos da futura profissão.

A participação dos alunos de cursos regulares depende fundamentalmente da conscientização prévia ou despertada destes sobre a problemática, importância ou pertinência geral do conteúdo da ementa sobre a futura atuação profissional. É fato que, mostrar a importância das matérias básicas nos primeiros semestres e, principalmente, correlacionar os seus assuntos com as disciplinas tecnológicas subsequentes do currículo escolar faz com o aluno se interesse mais pelo curso e não acabe desistindo de imediato.

Com relação aos alunos de cursos tecnológicos, voltados mais para a prática direta, a capacidade do professor em relacionar a teoria com exemplos reais é fundamental para que o aluno compreenda melhor e tenha segurança e confiança para aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula nos estágios supervisionados, ou mesmo durante sua atuação no mercado.

Uma didática clara e que desperte o interesse do aluno, onde o conteúdo é exposto abrangendo a teoria e a prática, faz com que este acabe querendo desenvolver experimentos e busque a iniciação científica como forma de aprimoramento e especialização durante sua graduação, ou recorra a estágios, que ajudam muito na formação profissional do aluno.

Há de certa forma uma diferença entre alunos bolsistas de iniciações científicas e os alunos que optam por estágios em instituições fora da universidade. No primeiro caso, a formação acaba visando à permanência do aluno de graduação dentro da instituição e a continuidade de pesquisas, fonte geradora de recursos universitários, através de um possível ingresso na pós-graduação. Já, o aluno que ingressa no mercado de trabalho tem uma vasta possibilidade de empresas e áreas de atuação que depende exclusivamente de seu desempenho, podendo começar em uma determinada área e depois ingressar em outra área ou empresa exercendo nova função.

Durante a graduação as aulas são predominantemente expositivas e complementadas por aulas práticas em laboratório ou estudos de casos, além de visitas técnicas quando possíveis. Pode-se contar também com o atendimento extra-aula (monitorias) que pode ser ministrado por alunos mais graduados. Este atendimento auxilia na fixação do conhecimento, e o contato com alunos mais graduados, que utilizam uma linguagem próxima e que já passaram pela experiência, faz com que o aluno se desprenda e tire suas dúvidas com mais facilidade.

O tempo de relacionamento entre professor e alunos é, em geral, de seis meses a um ano. No caso de professores que são responsáveis por mais de uma disciplina e em semestres diferentes a possibilidade de maior contato faz com que o aluno tenha liberdade para questionar assuntos mais relacionados com suas atividades de estágio. E caso as disciplinas sejam seqüenciais ou dependentes em um nível elevado, as discussões fluem com maior facilidade, auxiliando na fixação dos conhecimentos.

A disponibilidade de tempo para estudo complementar extra-aula em alunos do curso diurno é geralmente, grande, o que faz com que trabalhos e mais atividades sejam sugeridas e solicitadas. No entanto, na realidade, principalmente das faculdades privadas e nos cursos noturnos, os alunos usam o tempo de estudo extra-aula para seus estágios e empregos de modo a obter recursos financeiros para custear o curso e se manter, sendo necessárias atividades mais direcionadas e que sejam principalmente práticas.

A pedagogia utilizada com alunos de graduação segue os modelos tradicionais onde é valorizado o conhecimento, predominantemente, acadêmico de quem ensina; já que a

experiência prática não é exigida. A lógica está em passar para o aluno os conteúdos para que, então, possa aplicá-los e dar soluções para os diferentes problemas na sua vida profissional. E, a condição para o aluno avançar etapas no curso está relacionada à necessidade de aprovação em avaliações (Cavalcanti, 1999).

3. DOCÊNCIA EM CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO

3.1 O ensino após a graduação: reflexões sobre a docência em cursos de pós-graduação

Quando da opção do aluno por continuar seus estudos e seguir carreira acadêmica há duas possibilidades, sendo que uma delas também atende aos alunos que depois de formados ingressaram no mercado de trabalho, porém desejam estar atualizados.

Cursos de mestrado e doutorado *Strictu senso*, em sua grande parte possuem bolsas auxílio, que são fornecidas para que o aluno tenha apenas uma preocupação por assim dizer: dar andamento e seqüência em pesquisas e nos resultados, a serem depois usufruídos pela sociedade em algum momento. As disciplinas são específicas e as aulas com um conteúdo muito denso em termos de absorção por parte do aluno. É exigida e até recomendada a realização de experimentos práticos, para a correlação entre a teoria e a realidade ou simulação.

Cursos de especialização, que fazem parte do ramo *Latu senso*, visam atender os alunos re-ingressantes, que após sua graduação seguiram carreira fora das instituições de ensino, porém vendo a necessidade de atualização e de estar em contato com as novas tecnologias e conhecimento retornam aos bancos escolares.

Nos cursos de especialização deve ser aproveitada e valorizada a experiência dos alunos, que passa a ser o recurso mais rico nesta etapa de aprendizagem. Bem como a sua disposição para aprender, uma vez que verificam que há utilidade no conteúdo proposto e que pode ser útil dentro e fora do âmbito profissional; onde se deve trabalhar, antes de conteúdos como notas e leituras, fatores de estímulo com a auto-estima e a satisfação pessoal.

Porém, comumente nota-se uma disparidade de formações, em termos de origem de graduação, dentro dos cursos de especialização. Estes alunos, visando melhores posições no mercado de trabalho, seguem temas em destaque e, então, acontece, via de regra, pessoas de áreas de humanas cursando disciplinas que exigem profundos conhecimentos de cálculo ou mesmo a noção de algumas situações pertinentes à área. Em termos de docência, isso gera problemas quanto à exposição de situações, que passam a serem repensadas, necessitando, até mesmo, que as aulas sejam modificadas para atender uma parcela que possivelmente não lida com fórmulas matemáticas há algum tempo.

Considerando que este tipo de aluno possui a mesma quantidade de tempo de estudo extra-aula de um aluno de graduação noturno, como citado anteriormente, deve-se trabalhar o que foi explicitado o máximo possível dentro da sala de aula, através de trabalhos em grupo e dinâmicas, visando proporcionar testes de adaptabilidade, convivência social e relações interpessoais.

Na pós-graduação, de uma forma geral, além de adquirir conhecimentos técnicos e específicos há a possibilidade da troca aluno-professor e o aprendizado de situações para a vida (Cavalcanti, 1999).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A deficiência didática dos alunos nos níveis escolares iniciais reflete muito na graduação, quando da dificuldade de absorver conhecimentos específicos podem gerar escolhas errôneas, ou, até mesmo, situações de desânimo e abandono de curso.

Políticas sociais devem ser revisadas, bem como o planejamento do ensino, valorizando e favorecendo a capacitação de professores de ensino médio e fundamental. Uma política mais rígida de ensino nas escolas deve ser pensada para que o conteúdo seja entendido pelos alunos. O que conta é aprender, e não quanto tempo se levará para tal; tampouco a série em que se encontra.

No ensino superior, as cotas existentes devem ser revistas, visando não apenas atender questões étnicas, mas sim sociais a fundo.

Quanto aos alunos de pós-graduação há aqui a única possibilidade de direção e correção da deficiência trazida anteriormente, porém que dificulta o andamento até de pesquisas ou especializações, no caso, muito mais motivados pela variedade de origens de graduações distintas.

Em resumo, é chegado um momento em que as deficiências de conhecimento são superadas, mas as deficiências sociais e de conteúdo emocional não. O foco deverá ser sempre a base, para que esta se mantenha fortalecida e assim possibilite a direção e o retorno à sociedade destes resultados.

Agradecimentos

À Universidade Presbiteriana Mackenzie, FATEC-SP e Faculdades Oswaldo Cruz – SP.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARELLI, M. J. G.; SANTOS, A. A. A. dos **Condições temporais e pessoais de estudo em universitários**. Psicologia Escolar e Educacional, vol.2 n.º.3. Campinas, 1998. Disponível em http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?pid=S1413-85571998000300006&script=sci_arttext

CAVALCANTE, ROBERTO DE ALBUQUERQUE, **Andragogia: A aprendizagem nos adultos**. Revista de Clínica Cirúrgica da Paraíba N.º 6, Ano 4, (Julho de 1999).

FLEURY, M. T. L.; Maria Isabel Leme de MATTOS, M. I. L. de **Sistemas educacionais comparados**. Estudos Avançados, vol.5 n.º.12. São Paulo, 1991. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141991000200006&script=sci_arttext&tlng=en

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Editora Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA (INEP). Disponível em <http://www.inep.gov.br/>

SAMPAIO, I. S.; SANTOS, A. A. A. dos **Leitura e redação entre universitários: avaliação de um programa de intervenção**. Psicologia em Estudo, vol.7 n.º.1. Maringá, 2002. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722002000100006&script=sci_arttext&tlng=pt